

## Os concorrentes do fascismo

Paul Mattick

Publicado em: *International Council Correspondence*, [Vol. I] (1934-1935), No 11 (setembro de 1935)

<http://aaap.be/Pdf/International-Council-Correspondence/International-Council-Correspondence-1-11.pdf>

Alguém poderia pensar que logo seria supérfluo se opor ao antigo movimento trabalhista. As duas Internacionais e as organizações ligadas a elas e relacionadas a elas não apenas se desmascaram muito antes da meia-noite; elas também mudam suas máscaras com tanta frequência que até os mais estúpidos teriam a chance de descobrir suas verdadeiras características. Mas a máscara e o engano ainda podem ser suportados mais facilmente do que a verdade, assim como o reconhecimento da realidade não é garantia de que ela tenha sido dominada. Assim como a religião, a esperança no antigo movimento trabalhista também permite a ilusão de uma alteração posterior da miséria atual e, portanto, a justificativa da própria inatividade e a negligência da própria fraqueza. Os enganadores não são de forma alguma inteligentes; eles vivem apenas do que, do ponto de vista da revolução, é a falta de maturidade da crise, como hienas em cadáveres. Por causa do medo de serem mal compreendidos, mal julgados e talvez também maltratados pela classe dominante, eles oferecem uma nova demonstração a cada dia de sua verdadeira natureza prostituída. Eles pensam em salvar suas próprias peles ao se comprometerem a fazer o trabalho que hoje realmente pertence aos fascistas. Em qualquer direção que olhemos (e apenas ocasionalmente, com a exceção forçada dos países que já se tornaram fascistas), vemos os esforços das velhas organizações trabalhistas para prolongar sua existência falida, não combatendo o fascismo, com certeza, mas tornando-o *supérfluo*. Elas prometem a seus capitalistas não colocar as mãos no atual sistema de exploração, mas defendê-lo com garras e dentes e atender a todas as suas necessidades, até mesmo conduzir a guerra. Para deter a marcha do fascismo, eles escolheram o meio mais fácil: ofereceram-se para fazer o trabalho fascista de sua própria maneira especial.

No entanto, a história mundial, na medida em que depende de grupos e indivíduos, não depende dos lacaios, mas de seus mestres, de modo que, sem dúvida, mesmo esse novo exemplo de "política real" por parte das organizações ainda falsamente denominadas como "movimento trabalhista" não servirá para garantir sua existência. A constelação peculiar atual das potências capitalistas, que estão se preparando para uma nova guerra, não pode de forma alguma ser considerada como fixa; todos os tipos de mudanças surpreendentes ainda são possíveis, e delas dependerá, entre outras coisas, o desenvolvimento futuro do fascismo. Reviravoltas na política alemã, russa e francesa são capazes de pôr fim também à atual pseudo-luta pela salvaguarda da democracia contra o fascismo. Nesse contexto, tudo o que os russos teriam de fazer seria identificar o fascismo com o socialismo e fazer com que este último não dependesse mais da presença da democracia. Enquanto isso, talvez ainda seja possível, por algum tempo, apontar nossos "sucessos" para os "antifascistas amantes da liberdade" e continuar colocando louros podres no colo mais modesto, mas ainda amplo. A aliança russo-francesa impediu um pouco o desenvolvimento do fascismo francês, mas esse impedimento será apenas o segredo do progresso acelerado que virá mais tarde. Com o propósito de segurar e derrubar os trabalhadores, não é muito provável que a bourgeoisie traga para o serviço os lacaios usados do movimento trabalhista, mas sim a nova ralé pequeno-burguesa, nova e faminta por trabalho, que, agora que o capitalismo está em declínio, não consegue mais encontrar famílias que, apesar da cultura monogâmica, estão completas com o sistema de empregadas domésticas. O vento não foi tirado das velas dos fascistas, mas o antigo movimento trabalhista em si é o vento pelo qual o fascismo está sendo impulsionado.

Para falar a linguagem da social-democracia: "Se alguém quiser evitar ser uma bigorna, deve se tornar um martelo". E, assim, o antigo movimento trabalhista está se preparando para acabar com o fascismo, levando-o para dentro de si. Isso não é fácil, com certeza, e é preciso muita impudência para correr atrás de empregos de carrasco onde uma parte de seus próprios camaradas foi recentemente abatida como gado pelos concorrentes. É difícil, porque uma consciência pesada tira a paz e a satisfação que os fascistas "natos" possuem "por natureza" quando espancam a vida de trabalhadores e outros porcos. A crítica por parte dos trabalhadores, entretanto, não é temida; nem mesmo por parte de seus próprios subordinados nas organizações. Nos últimos cinquenta anos, houve muitas oportunidades para "educar" e "esclarecer" os trabalhadores, de modo que hoje eles são de fato capazes, se o amado líder assim o

desejar, de tomar o preto pelo branco ou - o que equivale à mesma coisa - de ver em Vandervelde ou Stalin os "adorados amigos" e líderes do trabalho. As organizações trabalhistas têm estupefato seus seguidores ideologicamente da mesma forma que o capitalismo tem idiotizado toda a humanidade, em uma medida muito maior do que qualquer outra forma de sociedade e precisamente por meio da civilização e do aumento da educação. Uma besta pode viver, as pessoas que se respeitam vão à falência. Quando as pessoas de hoje realmente pensam, elas estão a caminho da insanidade. Quando lutam como animais selvagens por seus próprios interesses, elas agem de forma correta e inteligente. O fato de tal condição não ser desejável não é inteligente. O fato de tal condição não ser desejável não a elimina; apenas obriga à solução revolucionária desse estado invertido de coisas, para que se possa finalmente dar o salto do reino animal para o reino da liberdade.

Não estamos cedendo a nenhuma ilusão; não depositamos nenhuma esperança no despertar da percepção das massas; não temos nenhuma confiança de que um dia as "escamas cairão de seus olhos" e que elas reconhecerão intelectualmente seus verdadeiros problemas e necessidades. Os parasitas das antigas organizações trabalhistas que ainda não se manifestaram contra elas provavelmente nunca o farão em decorrência de sua própria perspicácia, mas, no máximo, em decorrência de sua fome, que não será mais capaz de suportar a visão de seus líderes bem alimentados. Mas até agora esse ponto ainda não foi alcançado; eles ainda podem ser levados mais longe no caminho de sua própria desmoralização. O que os cretinos do antigo movimento trabalhista e sua escola de corrupção ainda não tinham, eles aprenderam com os fascistas. Se a ocasião surgisse, não há dúvida de que os proprietários das organizações trabalhistas poderiam, mais uma vez, fazer sua parte para transformar os mais pobres nos filhos mais verdadeiros de suas respectivas pátrias.

Na verdade, toda a política de ambas as internacionais é direcionada para dar às organizações um lugar adequado na "frente popular", para se adequar aos interesses do povo, ou seja, aos interesses do capital monopolista, que são passados como tal, porque precisam e porque pagam. Embora sua política anterior tenha sido ajustada para "aproveitar os aluguéis" no campo burguês - da mesma forma que a A. F. of L. se posiciona em um momento a favor do Partido Republicano e em outro a favor do Partido Democrata, de acordo com o que um ou outro tem de mais promissor -, essa política de serra não é mais possível agora que o exercício do poder foi necessariamente monopolizado. Como só há mais um que paga, também só há mais uma canção que

pode ser cantada. Ela é executada: Com entusiasmo e sem reservas, junte-se à "frente popular". Já se foram os belos tempos das negociatas bem-humoradas, já se foram os belos dias das "reformas"; a tarefa de todas as organizações ligadas ao capitalismo foi reduzida à proteção do capital - que é completamente idêntico ao Estado - contra todos os inimigos internos e externos.

### **Da "Ditadura" ao "Governo do Povo"**

A Segunda Internacional e suas várias afiliadas nacionais aprenderam, de fato, por mais estranho que possa parecer, várias coisas com os acontecimentos dos últimos anos. Como parte do capitalismo e ligados à sua sorte, eles fizeram de tudo para mostrar sua gratidão a esse mundo. Eles já haviam se organizado da melhor maneira possível, conquistado vários cargos no governo, embora a luta nesse sentido fosse apenas uma questão de conversa. Eles construíram casas para si mesmos, enfiaram maravilhosos assentos largos sob suas nádegas e ocuparam cargos na polícia, embora, nesse último caso, os colarinhos dos uniformes tenham esfregado muito os pescoços gordos. Eles até mesmo administraram as colônias com bombas de gás e aviões; acumularam dinheiro sem, como verdadeiros idealistas, perguntar de onde ele veio; e também, embora (como escrevem em suas memórias) apenas com o coração pesado e por causa de seu grande senso de responsabilidade, abateram e baionetaram os trabalhadores revolucionários, sempre que necessário - naturalmente no interesse do crescimento do socialismo. E, no entanto, eles desceram na escala social. Depois desses serviços genuínos, o capital os considerou inservíveis para seus objetivos futuros e lhes mostrou a porta. Assim como a burguesia, por meio da diplomacia, coloca uma potência contra a outra, joga grupo contra grupo, assim como nesse sistema em geral é uma luta de todos contra todos, o capital também promoveu a competição entre aqueles que se especializam em massacrar trabalhadores e sempre ficou com os vencedores, cujo objetivo era promover. Os vencedores fascistas tinham mais a oferecer, eles se encaixavam muito melhor no "espírito da época". Eles não estavam sobrecarregados com um passado; com relação à burguesia, eles não eram ambíguos e são confiáveis.

O desmantelamento das organizações trabalhistas, que acompanha o desmantelamento da democracia e que, por sua vez, é apenas o reflexo político do desenvolvimento monopolista, foi um choque para as empresas do movimento trabalhista. Isso levaria a uma radicalização dos partidos socialistas: esse era o palpite daquelas pessoas que nunca se tornam uma coisa ou outra, que se recusam a dizer algo

ruim sobre qualquer pessoa ou organização, já que, é claro, como socialista, se não fosse por outra razão, era preciso acreditar na bondade do homem. Essas naturezas viscosas, cujos cérebros não são menos flácidos do que suas barrigas, ainda não se decepcionaram, apesar do fato de que o que ocorreu foi exatamente o oposto do que esperavam. Depois de se entregarem por um tempo a uma fraseologia mais radical e após as exhibições de líderes embriagados da social-democracia, feridos por engano, com tudo o que se buscava para dominar a perturbação trazida para o resto da organização por causa de alguns milhares de cadáveres de trabalhadores, os líderes logo voltaram a usar a "linguagem da razão" para se estabelecerem novamente sobre as ruínas. A social-democracia não foi para a esquerda, mas para a direita. Em todos os países, ela esmagou a "oposição" sem força e assumiu sua luta contra o fascismo com base no capitalismo; ou seja, começou uma luta competitiva aguçada pelo direito de enganar os trabalhadores. A social-democracia argumentou - e de seu próprio ponto de vista, com uma lógica afiada - que havia perdido a competição não por não ter sido radical o suficiente, mas por ter sido radical demais. Eles não haviam oferecido garantias suficientes à classe dominante e, portanto, também não haviam encontrado apoio suficiente entre as "grandes massas". Mas não se quer ser historicamente superado: mesmo que a democracia possa perecer, isso não é o fim de toda burocracia. Enquanto para o meio-bolchevista Romain Rolland, as pessoas morrem para que Deus possa viver, para a social-democracia os sistemas políticos mudam apenas para que a burocracia possa ser eternizada. A social-democracia está totalmente preparada para fornecer a burocracia para um sistema estatal fascista. E é claro que ela não precisa, para esse fim, de nenhuma transformação especial: sua própria concepção capitalista de Estado não é, em princípio, nem um pouco diferente do fascismo monopolista, mas é, no máximo, ainda mais consistente. E assim, ele simplesmente compete com outros aspirantes pelas funções parasitárias no sistema capitalista de exploração.

Se será dado mais uma vez à social-democracia desempenhar funções que contribuam *diretamente* para a manutenção do Estado não depende da social-democracia, mas de uma série de circunstâncias de caráter nacional e internacional que ainda não são suficientemente transparentes para permitir conclusões precisas. Uma coisa, no entanto, está clara: se os fascistas se mostrarem incapazes de manter as massas sob controle, esse papel poderá, sob certas circunstâncias, recair novamente sobre a social-democracia, e o papel certamente não será recusado. Enquanto isso, no entanto, não resta à social-democracia, ao lado e com base nessa

esperança, nada além de ir cada vez mais para a direita, assumindo cada vez mais a coloração fascista.

Se pegarmos um país "tradicionalmente democrático e amante da paz" como a Suíça e virmos que, mesmo lá, a social-democracia só pode continuar competindo com os fascistas, então certamente nada mais pode ser esperado dos outros países; nesses países, a tendência visível na Suíça só pode ocorrer de forma aguçada, e é o que acontece. É somente em países como os Estados Unidos, onde a social-democracia ainda não desempenha nenhum papel real, que ela ainda pode se dar ao luxo de manter silêncio sobre suas ideias reais e esconder sua política reacionária por trás das velhas frases. A luta no Partido Socialista Americano, que começou com a vitória dos reacionários e, conseqüentemente, terminou da mesma forma, fala alto o suficiente sobre qual é o curso adequado dentro do movimento socialista mundial. Além disso, isso foi rapidamente percebido pela "oposição", que recuou no devido tempo para não afundar na pobreza revolucionária. Toda a disputa foi praticamente apenas uma forma de afastar uma insatisfação temporária dentro do partido após o escândalo europeu, mas também ligada às ambições de aventuras políticas que estavam impacientes para se desenvolver no mundo. Tudo o que poderia resultar disso, entretanto, foi que a "Velha Guarda" foi servida com aquela confusão geral na qual os ladrões podem se refugiar, na qual o espírito de oposição se cansa e se desgasta, e as posições dos reacionários são consolidadas novamente. Qualquer um que já tenha visto de perto essas ovelhas "oposicionistas" só pode se divertir com a ânsia com que todos os concorrentes do Partido Socialista se esforçaram para "entrar em contato" com elas.

Mas voltando à Suíça. Lá também, como em todos os lugares, o movimento fascista continua crescendo, e o perigo se aproxima de que os vários conselheiros nacionais social-democratas e todo um exército de funcionários sejam privados de seu pão de cada dia. Assim, eles se assustaram com seu próprio programa e criaram um novo para não atrair atenção desagradável. O programa anterior, que data de 1920, contém, em contradição com o socialismo germânico de Noske e em harmonia com o "melhor" marxismo austríaco, o floreio bastante inocente da ditadura do proletariado como um estágio de transição necessário para o socialismo. O novo programa de 1935 abandonou essa frase sobre a ditadura e a substituiu pela frase sobre o "estado do povo". Para a social-democracia suíça, não se trata mais de socialismo, mas da "defesa da democracia atual". E assim, o programa atual contém uma resma completa de frases sem sentido relacionadas à conquista das camadas médias, dos camponeses, etc. A

exigência de ditadura, como foi explicado na conferência do partido, acompanhada de grandes aplausos, ainda é aplicável, no máximo, apenas a países já fascistas; para países democráticos como a Suíça, essa exigência seria um crime. A palavra de ordem realista hoje é a parceria do povo (Volksgemeinschaft), não a fascista, com certeza, mas a social-democrata. Os debates no congresso do partido ficaram muito animados quando a questão da defesa nacional foi abordada. O partido reconheceu, naturalmente, "a necessidade de uma guarda de fronteira armada, que encontra sua personificação na milícia". Entretanto, a milícia deve estar "sujeita à vontade de uma parceria popular anticapitalista". A questão de como isso é feito - como, sob o capitalismo, pode-se ter uma parceria popular anticapitalista - sem dúvida permanecerá para sempre um segredo da social-democracia, que, é claro, sempre sentiu uma atração por coisas que se pareciam muito com um cruzamento entre um cavalo de balanço e uma sardinha em óleo. O Conselheiro Nacional Nobs declarou no congresso do partido: "O antimilitarismo nos países democráticos pode levar a uma vitória mundial do fascismo". Assim, para a social-democracia, qualquer um que hoje se oponha ao militarismo é um cúmplice do fascismo e, conseqüentemente, de acordo com essa lógica, deve-se presumir que nos países democráticos o socialismo só pode ser realizado por meio das baionetas do exército capitalista. Por outro lado, o partido naturalmente defendeu uma economia planejada e escolheu como modelo, do grande estoque de ideias sobre esse assunto, o "Plano de Trabalho" da Bélgica, cujo autor, Henryk de Man, um especialista em psicologia de massa, é garantia suficiente de que não temos nada a ver com nada mais do que a idiotização planejada das massas. Esperava-se que esse plano tivesse efeitos bastante especiais sobre as camadas médias. Etc., etc., etc.

### **O sucesso belga**

O fato de a social-democracia não ter conseguido, como muitas pessoas afirmam, aprender com os procedimentos na Alemanha e na Áustria a "coisa certa" não se deve a nenhuma falta de vontade de aprender, mas à circunstância de que a "coisa certa" está além de seu poder de aprender. Quando a social-democracia quer mudar de fato, ela só pode, por sua própria natureza, copiar o fascismo. Seu curso na Suíça é, de fato, uma excelente indicação de seu "progresso".

O partido trabalhista socialista da Bélgica oferece mais um exemplo dessa necessidade. O "Plano De Man" que ele adotou e do qual esperava tanta vida nova é apenas ligeiramente diferente do absurdo da "economia planejada" dos fascistas. Tudo o

que ele finalmente representa é uma exigência de controle governamental sobre os bancos e as indústrias-chave e sua socialização parcial; combate aos monopólios; assistência às empresas menores; resgate da classe média e dos camponeses; legislação social para os trabalhadores; e as outras dissonâncias bem conhecidas da canção moderna da economia planejada que, entoada de forma muito untuosa, busca mais uma vez se tornar popular. A circunstância de a burguesia belga não ter conseguido, a princípio, achá-la agradável não afeta em nada sua insipidez e insensatez. O governo belga pensa em transplantar sua política do Congo para a pátria, mas os negros brancos belgas ainda não estavam suficientemente desmoralizados para se curvar ao chicote dos decretos de emergência. Uma série de greves, que ameaçavam se transformar em uma greve geral, obrigou a burguesia belga a aceitar um compromisso temporário no sentido de que o "Plano de Trabalho" seria seriamente levado em consideração. Seu autor recebeu, por enquanto, um cargo no governo e, a partir daí, a social-democracia, sem chegar ao ponto de entrar em guerra, concluiu um armistício com a burguesia. Esse armistício, na realidade, nada mais é do que uma temporada de fechamento para o movimento trabalhista legal, que pode engordar um pouco mais antes de começar a ser atacado. Durante essa temporada, a social-democracia presta à burguesia o serviço final: as energias que foram reveladas no proletariado estão sendo neutralizadas por meio do discurso da economia planejada. Permite-se que as forças despertadas explodam em ilusões, até que os trabalhadores estejam suficientemente desmoralizados para aceitar o fascismo de bom grado. Mas o "socialismo" ainda está em marcha na Bélgica, como já esteve na Alemanha. E provavelmente deixará tantos cadáveres de trabalhadores em seu caminho e acabará na ditadura fascista, assim como o socialismo alemão. No entanto, também é provável que os líderes social-democratas se transformem, nesse meio tempo, em fascistas cem por cento.

### **O triunfo da Frente Unida**

O sucesso dos socialistas belgas ainda parece insignificante em comparação com o triunfo dos "comunistas" franceses. Após a conclusão da aliança russo-francesa, a política do Partido Comunista da França (CPF) sofreu uma reviravolta brusca. Todas as palavras de ordem anteriores foram trocadas pelas da frente popular e da *defesa nacional*. Essa transformação logo foi estendida a todas as seções da Terceira Internacional, com exceção dos países que, em determinadas circunstâncias, poderiam atuar de forma contrária ao bloco franco-russo. Ao mesmo tempo, ocorreu a dissolução

das ligas sindicais comunistas e sua conversão, sempre que possível, em sindicatos reacionários. Paralelamente a esse desenvolvimento está o flerte com a social-democracia, que recebe uma oferta de unidade orgânica. Esforços bastante abertos são feitos para a liquidação dos partidos comunistas e de suas internacionais. A social-democracia ainda mantém uma atitude de espera: a tentativa de suicídio por parte da Terceira Internacional ainda é vista, por enquanto, com o espírito de um concorrente e não de um parceiro. A social-democracia em vários países ainda está muito ligada à sua própria burguesia nacional, enquanto os "comunistas" ainda estão exclusivamente ligados à nova burguesia russa. Nos países, no entanto, onde os seus interesses são paralelos aos da nova burguesia russa, como na Tchecoslováquia e na França, a social-democracia está muito mais inclinada à unidade orgânica. A razão apresentada pela social-democracia para sua restrição em relação aos esforços de unidade da Terceira Internacional é divertida: essa última havia se tornado reacionária demais para os socialistas. Os comunistas "lutam" em união com *todos os* estratos da população - com os católicos pela liberdade religiosa, com os metalúrgicos alemães pelo direito de ter outras organizações reacionárias ao lado das fascistas, com a "Frente Negra" do grupo Strasser pelo fascismo genuíno contra o fascismo oportunista de Hitler - essas exigências dos "comunistas" vão um pouco longe demais até mesmo para os socialdemocratas. Em conexão com as negociações para a frente unida na França, o CPF se manifestou contra a exigência dos socialistas de socialização parcial dos monopólios capitalistas individuais, com base no fato de que tais "exigências iam longe demais e impediriam a formação da frente popular". No entanto, a frente unida surgiu, e não apenas com os social-democratas, mas também com a pequena burguesia, com base em exigências e palavras de ordem que se assemelhavam às dos fascistas quase até o último fio de cabelo. Quando se trata de enganar os trabalhadores, a social-democracia certamente é passível de condenação. Ainda assim, continua sendo uma piada quando Norman Thomas pode dizer sobre o atual programa do partido comunista: "Certamente nós, socialistas, não podemos ser empurrados pelo oportunismo comunista temporário para uma posição semelhante". Mas tenha paciência: em breve Norman Thomas também, assim como seus colegas suíços, saberá como valorizar esse oportunismo como a última palavra na política socialista realista.

A *frente popular* francesa foi formada em torno do slogan: Defesa do Pão, especialmente o pão da classe média. O retardamento da crise na França também retardou o crescimento do fascismo. Mas, mesmo agora, as forças fascistas dentro das

fileiras dos aliados do PCF são tão fortes quanto aquelas que, no momento, estão dispostas a se aliar aos comunistas. Os grupos pequeno-burgueses que não podem tirar nenhum proveito da atual frente unida, em breve, em sua inevitável decepção, passarão do fascismo parcial para o fascismo total e arrastarão uma parte dos trabalhadores com eles. Independentemente de suas intenções, qualquer um que, em vez de seguir uma política revolucionária, apenas concorra com os fascistas pelos empregos do Estado só pode, nas condições atuais, ajudar o fascismo a subir na sela. O que a frente unida do CPF semeia hoje, os fascistas colherão amanhã.

"Estamos firmemente decididos", escreve a imprensa comunista francesa, "a assumir a luta contra o empobrecimento, sem, no entanto, repelir ninguém da frente popular - sem levantar exigências que só poderiam provocar divisões, com as quais os fascistas se alegrariam, como, por exemplo, uma exigência ao Partido Radical (pequeno-burguês) para assumir os slogans e o programa dos comunistas, como certos defensores da 'doutrina pura' gostariam de fazer". Como a pequena burguesia se recusa a aceitar a plataforma do PC, o PC aceita a plataforma da pequena burguesia. Aqui estão as exigências do partido: Impostos sobre grandes fortunas; propriedade estatal do Banco da França; controle sobre a contabilidade dos bancos. Ou, como o PC resume no vernáculo: "Os ricos devem pagar". Por que não ir mais longe? Que tipo de efeito resultaria da frase: "Os ricos são educadamente solicitados a se enforcarem"? À luz desse programa, pode-se realmente chamar Roosevelt de ultraradical.

Uma frente popular abrange todo o povo. Para que os ricos paguem, eles devem primeiro se tornar financeiramente sólidos. O PC também cuidou disso, por meio da ajuda que garantiu ao imperialismo francês. L'Humanité, o jornal diário do PCF, escreveu na ocasião da assinatura do pacto russo-francês: "O que poderia ser mais natural do que o fato de nosso camarada Stalin, a pedido de Laval, ter declarado sua aprovação às medidas militares da França". Com certeza; o que poderia ser realmente mais natural?

### **O último congresso da Internacional Comunista**

Após as aventuras nacionalistas dos comunistas franceses, o 7º Congresso da Internacional Comunista não pôde mais apresentar nenhuma surpresa. Embora a política francesa seja apenas uma repetição da política da IC sob o comando de Lênin e Trotsky na Alemanha por volta de 1923, ou de sua política na Turquia e na China, ainda assim esse fato parece ter desaparecido da memória de todos os burocratas que foram

negligenciados por Stalin. Por isso, eles ficaram muito entusiasmados com a execução consistente do leninismo por meio de Stalin, como foi manifestado no 7º Congresso. No entanto, por mais ridícula que a política leninista genuína deva ser hoje, seus expoentes atuais são igualmente lamentáveis. O perfeito camareiro Piek e o ator barato Dimitrov deram o tom. A estupidez foi naturalmente uma estupidez unânime, o desmascaramento contrarrevolucionário foi resolvido como um homem só. Uma traição aos princípios revolucionários está fora de questão, pois não se pode trair o que nunca se representou. A atual situação mundial obriga a Terceira Internacional a se manifestar um pouco mais abertamente do que as almas "conspiratórias" gostariam de fazer. A Terceira Internacional seguiu o caminho de toda carne revolucionária profissional com admirável precisão até seu fim. Para nós, não há ocasião para qualquer polêmica; temos apenas a satisfação da gravação. Ouçamos Wilhelm Piek: "Nós, comunistas, lutamos até a morte (a la Alemanha?) contra o fascismo e toda manifestação de reação (exceto as variedades russa, tcheca e francesa, entenda-se). Para nós, não é indiferente qual sistema político prevalece neste ou naquele país capitalista. Uma vez que o parlamentarismo e os resquícios das liberdades democráticas, apesar do pesado jugo do sistema capitalista, oferecem algumas pequenas possibilidades para as organizações de luta aberta do proletariado, estamos prontos para defender os resquícios do parlamentarismo e da democracia contra o fascismo e, em seguida, conduzir a luta pela ditadura proletária. Nós, comunistas, fornecemos proteção a todos os povos contra a escravidão capitalista e a repressão fascista. (que magnanimidade!) Temos sido e somos constantemente a favor do direito de autodeterminação de todos os povos, por menores que sejam. Se o fascismo alemão atacar a independência nacional e a unidade dos pequenos estados independentes da Europa, uma guerra travada pela burguesia nacional desses estados será uma guerra justa, na qual os proletários e comunistas não poderão deixar de participar". E um pouco mais tarde ele continua: "A era do domínio do reformismo no movimento trabalhista chega ao fim e começa a era da Internacional Comunista. É uma luta pela felicidade e liberdade das massas trabalhadoras". Agora temos isso: a era do reformismo é seguida pela luta pela felicidade. Que progresso magnífico!

É claro que também havia algo de barato na genuína "autocrítica bolchevista", apesar da linha sempre correta. "Negligenciamos a oportunidade", explicou Piek, "de denunciar o capital pelo qual os camponeses foram arruinados, bem como contra a 'escravidão dos juros'" (um dos slogans fascistas mais atraentes). "Em muitos países, a pequena burguesia não encontrou nos partidos comunistas compreensão suficiente para

um apoio efetivo em sua resistência aos trusts e aos bancos, pelos quais estava sendo sangrada. Os comunistas alemães não consideraram, no devido tempo, os significados do jugo de Versalhes e permitiram que a burguesia usasse em seu próprio benefício o ódio das massas por esse jugo". Em suma, Piek reclamou que os comunistas tinham sido fascistas tão ruins, que conduziram uma competição tão miserável.

Por um lado, no entanto, a CI lamenta não ter agido de forma suficientemente incisiva contra Versalhes, mas, por outro lado, com seu apoio à França, quer manter a política de Versalhes. Enquanto luta contra o fascismo alemão, ao mesmo tempo auxilia o fascismo alemão em sua política de armamento. O governo russo concluiu recentemente com a Alemanha hitlerista contratos pelos quais a frota aérea alemã é abastecida com o combustível necessário para os próximos três anos. Negócios são negócios. O apoio simultâneo ao exército francês e ao alemão não é, de forma alguma, uma contradição. A manutenção do *capitalismo mundial* é a tarefa *permanente*, a política de aliança é altamente mutável.

Assim como Moscou define a melodia, as várias seções da Internacional dançam. O Partido Comunista Americano hoje defende coisas como o "Worker's and Farmer's Labor Party" (Partido Trabalhista dos Trabalhadores e Agricultores), que será baseado no meio-fascista A.F. of L. e que, incidentalmente, deverá absorver todo o vírus liberal. E tudo isso por uma série de leis a serem arrancadas do Congresso, por uma emenda à Constituição destinada a dificultar a reação, e outras coisas legais das quais, até agora, só se podia rir com compaixão. Ele representa o impossível e o absurdo, pois não se importa em representar absolutamente nada, mas apenas em garantir, de uma forma ou de outra, o pão de cada dia para seus funcionários.

Tudo isso foi suficiente para dar muita vida aos "oposicionistas" do PC. Mas seu estado moribundo ainda se mantém. A toda a degeneração da Internacional Comunista, eles não têm nada a que se opor, exceto a invocação do passado. "De volta a Lênin", ou "de volta a Trotsky", por "um novo Zimmerwald", por "melhores líderes": esse é o começo e o fim de seu grito, que se perde em seu próprio vento. Os lovestoneites, que durante anos combateram o curso "ultraesquerdista" do PC, gritam hoje contra seu curso ultradireitista, porque os stalinistas ainda não se conformaram em lhes dar novamente salários. Trotsky funda pela segunda vez a Quarta Internacional com membros que, felizmente, acabara de abrigar na Segunda Internacional. Os burocratas brigam por causa dos postos de trabalho cada vez menos remunerados e disfarçam a briga com uma suposta luta por essa ou aquela linha leninista correta. Essas organizações ridículas,

meio a meio, pequenos parasitas dos maiores esponjas, não são herdeiras da Terceira Internacional, nem seus corvos de carniça. Elas estão afundando com a Terceira Internacional, pois eram capazes apenas de viver dela. Mas também por eles os trabalhadores revolucionários não têm lágrimas a derramar. Para falar pela primeira vez com o super-homem original contra todos os super-homens atuais do PC e suas miudezas, os trabalhadores só podem - e não sem satisfação - dizer: "O que cair, além disso, será chutado".